

2. BOAL, Augusto. A invenção do espaço e as estruturas espaciais do poder. In: Jogos para atores e não atores. São Paulo, 2015.

**GRANDE JOGO DO PODER** Uma mesa, seis cadeiras colocadas lado a lado com a mesa e, em cima desta, uma garrafa. Os participantes são convidados a, um de cada vez, arranjar os objetos de maneira que uma das cadeiras ganhe uma posição superior, mais forte, de maior evidência ou maior poder, em relação às outras, à mesa e à garrafa. Todos os objetos podem ser movidos e colocados uns sobre os outros, ou ao lado, ou em qualquer lugar, porém nenhum pode ser movido para fora do espaço. O grupo trabalhará, sem interrupção, um grande número de variações nas estruturas possíveis, tentando verificar como uma estrutura espacial contém pontos fortes e fracos: trata-se sempre de uma estrutura de poder. Em qualquer lugar em que estejamos, vivemos sempre em estruturas espaciais de poder. Quando vamos ao



# JOGO DE PODER

\_espacialização do poder\_  
\_anticapitalismo\_

Frente ao destrutivo cenário ocidental acometido pela lógica capitalista, é inegável a importância de alternativas à insustentabilidade do extrativismo em sua mais feroz modalidade que há muito já desenvolve ruínas nas esferas ambiental, política, social.

Nós, enquanto arquitetas em formação, nos propomos a organizar um grupo de estudos que abarque aspectos sociais determinantes para a constituição de uma sociedade e da sua territorialidade.

Partindo-se da conceituação de território como o espaço de ocupação e suporte de cada etnicidade (GALLOIS, 2004), nos propomos a pesquisar e documentar outras formas de relação entre comunidades para com o meio. Sendo assim, não nos ateremos à conceituação de sistemas de organização, mas sim a busca por alternativas aos hegemônicos em nossa sociedade branca ocidental.

São as comunidades, organizações sociais que incorporam as condições ambientais em sua existência, nossa aproximação a dinâmicas e relações compatíveis à escala do meio, da paisagem e da sustentabilidade. Não pretendemos esgotar quaisquer conceituações, mas sim nos dispor a conhecer outras possibilidades de organizações espaciais e de reprodução de poder.



o grupo se propôs a estudar comunidades (e.g: autogeridas, ecovilas, aldeias indígenas, nas zonas rurais de países como uganda, etc) e de que forma indicam caminhos para uma organização anticapitalista.

dito isso, seguem aqui algumas reflexões dos nossos encontros num primeiro ciclo temático sobre política/poder/organização espacial do poder, e as bibliografias e referências que nos guiaram.

1. CLASTRES, Pierre. Copérnico e os Selvagens. In: A Sociedade contra o Estado. São Paulo, 1969.



Zona arqueológica da cidade mesoamericana de Teotihuacan (100 a.c. -550 d.c)



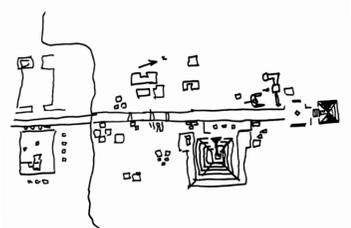
## o que é poder político?

“o poder político é universal, imanente ao social, (...) e se realiza de dois modos principais: poder coercitivo e poder não coercitivo” (p. 37)

o modelo eurocentrico e etnocentrico, baseado na ideia de evolucionismo, crê os “selvagens” (ou os outros, que não eles mesmos) como seres arcaicos e apolíticos. No entanto existem não só sociedades sem Estado, como também sociedades sem poder. Ou melhor, sociedades sem uma estrutura de poder coercitivo.

portanto, pode-se pensar o político sem a violência, mas não o social sem o político. (p.38)

sociedade é o corpo, matéria política é o jogo, a relação, o mecanismo



## de que forma se espacializam essas relações de poder nestas sociedades?

“como testemunho, citamos por exemplo o que diziam os primeiros descobridores do Brasil a respeito dos índios Tupinambá: “gentes sem fê, sem lei, sem rei” (...) o que (...) mais estranho, para pessoas saídas de sociedades onda a autoridade culminava nas monarquias absolutas? (...) a inquietude (...) desaparecia, ao contrário, no México de Montezuma ou no Peru dos Incas. Ali os conquistadores respiravam um ar habitual” (p. 30-31)



aldeia Yanomami, hoje

# OUTRAS FORMAS DE\_

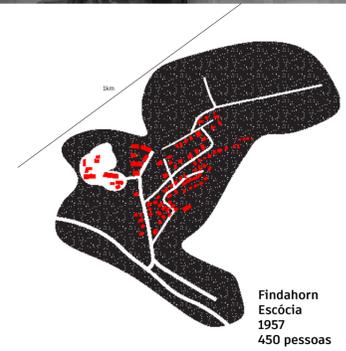
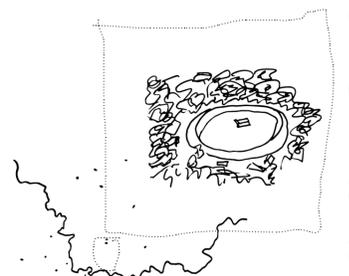
Nenhuma estrutura espacial é inocente, o que ela diz sobre as sociedades e a organização política/de poder?

Num primeiro momento, o que fica evidente na comparação entre as duas sociedades ameríndias é a relação de escala em relação a natureza, da dureza da matéria com o corpo. Há a espacialização do sagrado em arquitetura. Qual o tipo de manejo da natureza? Cosmovisão, a posição dos homens em relação uns aos outros e as divindades. Por que as sociedades mesoamericanas e suas cidades nos são tão surpreendentes? Será por sua familiaridade?

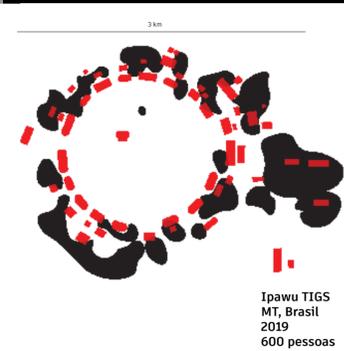
outras reflexões:

Parliment, as estruturas espaciais dos poderes legislativos no mundo através de diagramas (escritório de arquitetura XML)

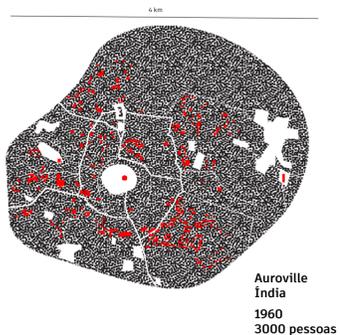
Hypernormalization, 2016 documentário que trata da transformação do poder nas mãos das grandes corporações e como chegamos até aqui.



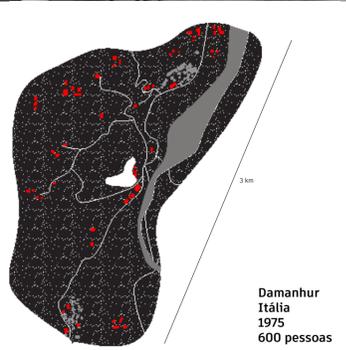
Findahorn Escócia 1957 450 pessoas



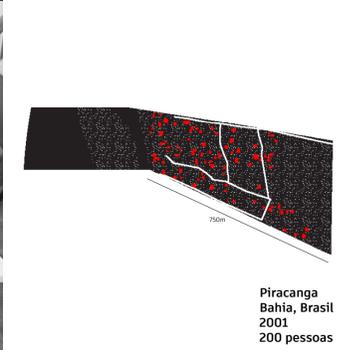
Irapu TIGS MT, Brasil 2019 600 pessoas



Auroville Índia 1960 3000 pessoas



Damanhur Itália 1975 600 pessoas



Piracanga Bahia, Brasil 2001 200 pessoas



# O ESPAÇO EM OUTRAS FORMAS DE: PODER